

PRAÇA PADRE CÍCERO: TERRITÓRIO DE APROPRIAÇÃO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

RESUMO

O presente artigo objetiva entender como ocorre a apropriação territorial da Praça Padre Cícero (localizada na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará) a partir da experiência dos camelôs que trabalham neste espaço e dele provêm seus sustentos. A ênfase será dada ao uso comercial do local, durante os anos de 2012 e 2013. Para efeito de análise, buscou-se abordar o conceito de território, apoiando-se, sobretudo, em autores como Rogério Haesbaert (2007). A metodologia utilizada consistiu-se em uma revisão de literatura de alguns dos principais autores que trabalham com os conceitos de território e centralidade, bem como da realização da observação no campo de pesquisa. Nesta investigação foram utilizados como recursos metodológicos fotografias, imagens retiradas do *Google Street View* e entrevistas abertas com os camelôs e ambulantes que trabalham na Praça Padre Cícero.

Palavras-chave: Juazeiro do Norte, Território, Praça Padre Cícero.

ABSTRACT

This article aims to understand how does the territorial appropriation of the Padre Cícero Square (located in Juazeiro do Norte, Ceará) from the street traders experience who work in this space and where they get their livelihoods. Emphasis will be given to the commercial use of the site during the years 2012 and 2013. For purpose of analysis, we sought to deal with the concept of territory and centrality relying mainly on authors such as Marcelo Lopes de Souza (2005) and Roger Haesbaert (2007). The methodology consisted on a literature review of some of the main authors work on the territory concepts as well as the observation in the search field. In this research were used as methodological resources photographs, images from Google Street View and open interviews with street traders and strolling who work in the Padre Cícero Square.

Keywords: Juazeiro do Norte – Territory – Padre Cícero Square

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo entender como se hace la apropiación territorial de la Plaza Padre Cícero (ubicada en Juazeiro do Norte, Ceará) partiendo de la experiencia de los vendedores ambulantes que trabajan en este espacio y donde se ganan sus medios de vida. La énfasis será dada al uso comercial del sitio durante los años 2012 y 2013. Para efectos de análisis hemos tratado de abordar el concepto de territorio y centralidad basándose principalmente en autores como Marcelo Lopes de Souza (2005) y Roger Haesbaert (2007). La metodología consistió en una revisión de la literatura de algunos de los principales autores que trabajan con los conceptos de territorio bien como de la realización de la observación en el campo de la investigación. En esta investigación se utilizaron como recursos metodológicos fotografías, imágenes de Google Street View y entrevistas abiertas con los vendedores ambulantes que trabajan en la Plaza Padre Cícero.

Palabras clave: Juazeiro do Norte – Territorio – Plaza Padre Cícero.

SAMARA SOUZA MACIEL

(autora)

Especialista em Geografia e Meio Ambiente. Membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS). Graduanda em Administração Pública pela Universidade Federal do Cariri-UFCA.
E-mail: samarageo21@gmail.com

DAVID MELO VAN DEN BRULE

(co-autor)

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Especialista em Geopolítica e História pela Faculdades Integradas de Patos (FIP). Professor temporário da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

ÂNGELA KERLEY PEREIRA

LIMA (co-autora)

Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável. Professora do Instituto Federal do Sertão Pernambucano.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva expor como ocorre a apropriação territorial da Praça Padre Cícero (localizada na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará) a partir da experiência dos camelôs que trabalham neste espaço e dele provêm seus sustentos. A ênfase será dada ao uso comercial do local, durante os anos de 2012 e 2013. Para efeito de análise, buscou abordar o conceito de território, apoiando-se, sobretudo, nos estudos de Rogério Haesbaert (2007).

Localizada ao sul do estado Ceará, na região do cariri, o município de Juazeiro do Norte tem notório desenvolvimento econômico e constitui-se um dos maiores polos atrativos de investimentos do Estado.

A Praça Padre Cícero sempre foi local de grandes acontecimentos e manifestações públicas, e ainda o é nos dias atuais. Possui relevante significância histórica, pois é espaço de encontro e reunião, campo simbólico de lutas. Reconhecendo-lhe sua notoriedade inerente, a Praça Padre Cícero constitui um cartão de visita da cidade, ponto de referência em Juazeiro do Norte, local de manifestações das práticas sociais e políticas. Exemplo disso são as manifestações artísticas e políticas no local, com os cantores peruanos, as apresentações de música e de teatro organizadas por grupos religiosos e também pelo Centro Cultural do Banco do Nordeste.

Ainda que considerada central na vida cotidiana juazeirense, de tal modo que sua influência no devir da cidade seja algo salutar. Atualmente não há no meio acadêmico, sobretudo na Geografia, um número considerável de estudos relativos à Praça Padre Cícero, assim sendo, pretende-se aqui contribuir com a produção científica referente à área supracitada, visando valorá-la como de fato o merece, bem como contribuir para a formação de um banco de dados de pesquisa sobre esta temática.

A metodologia utilizada consistiu-se em uma revisão de literatura de alguns dos principais autores que trabalham com os conceitos de território e centralidade, bem como da realização da observação no campo de pesquisa. Nesta investigação foram utilizados como recursos metodológicos: fotografias; imagens retiradas do *Google Street View* e entrevistas abertas com os camelôs e ambulantes que trabalham na Praça Padre Cícero, realizadas durante o mês de julho de 2012. Os entrevistados constituíram-se de doze pessoas, sendo duas ambulantes e dez trabalhadores dos quiosques. Vale salientar que apesar de haver dezoito quiosques na praça, apenas quinze estavam abertos na época de realização das entrevistas.

A seguir trataremos da Praça Padre Cícero do ponto de vista da sua estrutura e organização territorial, utilizando o conceito de território como base para uma análise sistematizada do espaço em questão, posteriormente, faremos uma análise da praça observando a lógica do Espaço Urbano. .

PRAÇA PADRE CÍCERO, TERRITÓRIO ARTICULADO E ORGANIZADO

A importância da cidade de Juazeiro do Norte para a região do cariri cearense pode ser visualizada desde o seu processo histórico de formação até o momento atual. De início, Juazeiro do Norte funcionou como um ímã para pessoas de estados vizinhos, a exemplo do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, que vinham em busca dos conselhos do Padre Cícero Romão Batista. Este, por sua vez, tornou-se para as pessoas da cidade seu patriarca, líder religioso e político, o principal benfeitor que viria a se tornar o responsável direto e indireto pelo desenvolvimento do município. Alguns desses visitantes acabaram permanecendo no local e deram seguimento ao povoamento e crescimento da cidade. Posteriormente, o processo de visitação acabou tornando-se um rito religioso, principalmente após a morte do padre, em 20 de julho de 1934. A esta visitação deu-se o nome de romaria.

Juazeiro do Norte é hoje a sede da Região Metropolitana do Cariri, criada por uma Lei Complementar Estadual nº 78, sancionada em 29 de junho de 2009, sendo destaque pelo seu notório desenvolvimento econômico. Sua importância se dá principalmente pelo desenvolvimento da indústria, sobretudo a calçadista, bem como do comércio, haja vista ser Juazeiro do Norte o centro de abastecimento da região e adjacências, nos setores alimentício, calçadista, automobilístico, entre outros, além de concentrar uma enorme variedade de serviços.

Ao longo do tempo, a chamada romaria deixou de ser a maior responsável pelo desenvolvimento da cidade, sendo as demandas de relações econômicas, o crescimento dos setores de educação e saúde e, conseqüentemente, a instalação da indústria, os principais fatores de seu desenvolvimento. Em nota, a revista Exame, em 26 de agosto de 2012, destacou Juazeiro do Norte como uma das cidades que mais crescem no país. Colocando o seguinte texto:

Por décadas, a principal atividade econômica do município de Juazeiro do Norte foi o turismo religioso, alimentado pelos cerca de milhões de romeiros que visitam anualmente a terra do Padre Cícero. Antes um polo de comércio popular, a cidade agora ostenta 17 concessionárias de carros (metade nem existia ali em 2007) e um dos maiores shopping centers do interior do Nordeste. De acordo com o IBGE, em 2000, 44% da população economicamente ativa estava sem renda em Juazeiro do Norte. Em 2010, essa taxa já tinha caído para 34%. Em 2011 o município foi o segundo que mais criou empregos no interior do Nordeste [...]. (REVISTA EXAME, Agosto de 2012)¹.

Esses acontecimentos, proporcionados pela evolução do próprio sistema produtivo, modificaram a forma e a estrutura do meio urbano. Podemos citar as vias de acesso na cidade que, no começo de sua formação, no início século XX, eram feitas para o pedestre e tiveram que ser modificadas para atender as necessidades do automóvel, bem como a modificação das próprias residências, que substituíram os jardins pelas garagens. Essas mudanças ocorreram como consequência do crescimento desenfreado da cidade, que, por sua vez, resulta em problemas ambientais e de acessibilidade, entre outros. Assim, a cidade tende a ser caracterizada para que possa servir às necessidades do capital.

A Praça Padre Cícero — inaugurada em 1925, pela figura política do padre Cícero Romão Batista, quando então prefeito da cidade de Juazeiro do Norte, é chamada inicialmente de Almirante Alexandrino de Alencar — também sofreu transformações ao longo do tempo, sobretudo no final do século XX.

A Praça Padre Cícero está localizada na área central de Juazeiro do Norte, e isso lhe confere ainda mais visibilidade. Tem sido palco de muitos acontecimentos de ordem política, social e cultural. Local que atrai as pessoas e os serviços e é também espaço de reprodução do capital, sendo o comércio a principal atividade capitalista lá exercida.

A área de estudo está situada conforme a figura 1. Temos as ruas que são limítrofes da mesma: Rua São Pedro, Rua Padre Cícero, Rua do Cruzeiro e Rua São Francisco.

¹Disponível pela internet no endereço: <<http://juametro.blogspot.com.br/2012/08/materia-da-revista-exame-destaca.html>> Acesso em: 30 de agosto de 2012.

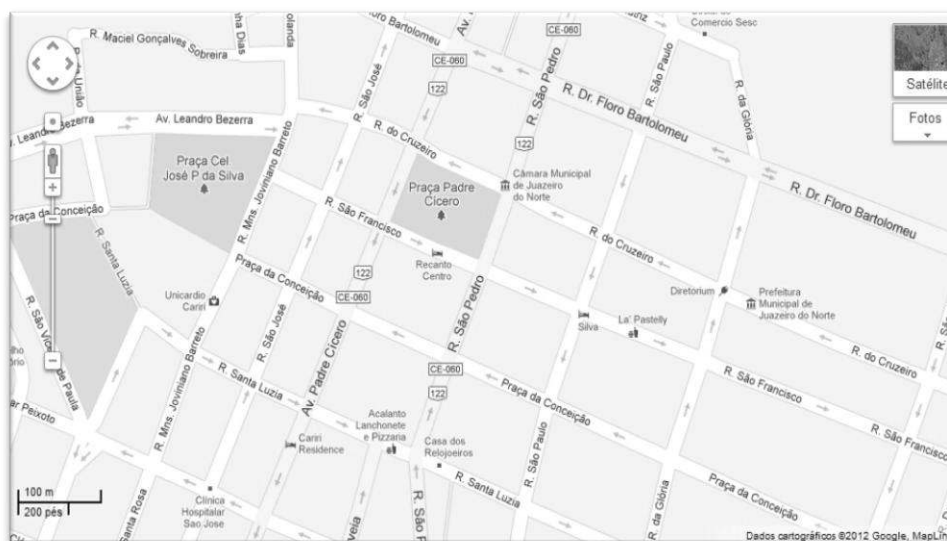


Figura 1: Localização da Praça Padre Cícero. Fonte: <<https://maps.google.com.br>> acesso: 27 de agosto de 2012. Editado por MACIEL, Samara S.

A estrutura física da praça conta com um palco — destinado ao uso das apresentações artísticas, religiosas e políticas que ocorrem no local —, uma arborização frondosa, além de uma fonte artificial localizada à frente da estátua de bronze do Padre Cícero. Vale salientar que tal estátua foi inaugurada em 11 de agosto de 1925 e remete à imagem do Padre Cícero político, como o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte. A figura 2 retrata a transformação do local, comparando a época de sua inauguração com os dias atuais, especificamente o ano de 2011, que marcou o centenário da cidade de Juazeiro do Norte.

É possível ver na figura 2 que as transformações na estrutura física da Praça Padre Cícero são significativas, pois na fotografia que retrata o início do século XX não há praticamente nenhuma característica semelhante ao que se vê hoje, exceto pela estátua do Padre Cícero. Ademais, a praça ainda não havia tomado forma e função como se conhece agora, porém, mesmo sem isso, já havia um caráter de concentração das atividades, haja vista que o largo apresentado na figura 2 deu origem à praça como se vê nos dias de hoje.

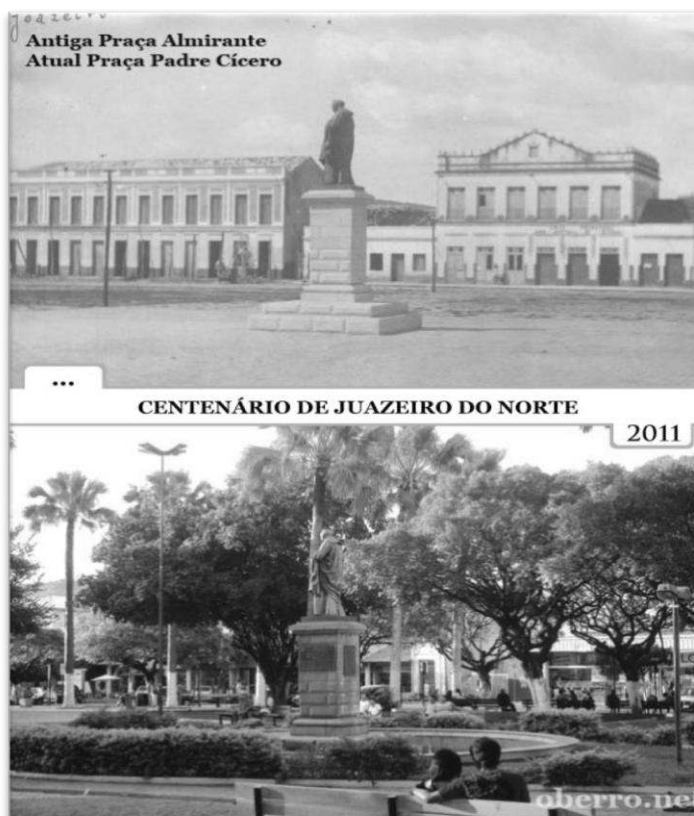


Figura 2: comparação fotográfica entre a praça antiga e atualmente (sem data de publicação). Fonte: <oberronet.blogspot.com.br> acesso em 17 de agosto de 2012.

Considerando que a Praça Padre Cícero é a mais antiga da cidade, é possível imaginar que tenha havido inúmeras transformações na estrutura física do lugar e, segundo alguns entrevistados que trabalham na praça há vários anos, de fato, esta passou por várias transformações. As reformas têm julgamento diferenciado por parte dos camelôs. Temos, por exemplo, o descontentamento do entrevistado A, que trabalha no território da praça há mais de trinta e cinco anos e, com relação à aparência que ela tomou nos últimos anos, observa o seguinte:

Todo prefeito que entrou aqui em Juazeiro, a partir de Salviano, mudou o aspecto dessa praça. Mas em minha opinião essa praça nunca deveria ter mudado. Ela deveria ter ficado do jeito que ela era. Porque eles mexem e ela fica é mais feia. Antes ela era muito mais bonita do que é hoje. (informação verbal)².

Vale salientar que o descontentamento referido é diante a mudança na estrutura física do local, visto que a opinião sobre a estrutura organizacional da mesma é diferente. O mesmo entrevistado mostra contentamento ao falar da organização dos camelôs em quiosques — essa organização será explicada melhor adiante. Sobre a organização dos camelôs, o entrevistado A acrescenta:

Aqui ao redor da praça era muita banca, parecia uma favela. Quando Santana assumiu a prefeitura de Juazeiro, ele resolveu tirar, e tirou. Só que ele foi muito coerente, porque todos aqueles que trabalhavam ao redor dessa praça receberam os boxes; ele não prejudicou ninguém.

²Todas as entrevistas ora apresentadas foram realizadas durante o mês de julho de 2012.

A distribuição destes pontos de vendas, os chamados quiosques, para os camelôs, contou com uma inovação para quem depende da praça para sobreviver. Após a última reforma realizada na gestão do prefeito Manoel Santana Neto (2009-2012), as pessoas que vendiam quaisquer produtos nas imediações da Praça Padre Cícero, ou em seu território propriamente dito, receberam a concessão para trabalhar em um espaço apropriado para exercer atividade comercial. Segundo o entrevistado B, “o projeto de reforma da praça vem desde a gestão do prefeito Raimundo Macêdo, como ele não concluiu, ficou no poder de Santana terminar a obra”. Esses quiosques foram entregues para as pessoas que trabalhavam na praça durante todo o ano. Os quiosques estão disponíveis para os camelôs por um valor acessível. Assim fala o entrevistado C, ao ser indagado sobre os valores pagos ao poder público para ter o direito de exercer uma atividade comercial na praça: “pagamos uma taxa, o alvará e a vigilância sanitária no valor de quarenta reais”. Antes da entrega dos quiosques os camelôs precisavam armar e desarmar barracas, ou carregar carrinhos de mão para poderem vender seus produtos(a figura 3 mostra a planta do projeto de reforma da praça).

Como está detalhado na figura 3 — e considerando que a obra já foi concluída e entregue — a praça conta hoje com dezoito pontos comerciais, organizados em blocos, sendo doze quiosques de alvenaria que estão distribuídos em dois grupos de seis. Estes estão localizados nos cruzamentos das ruas São Pedro com Rua do Cruzeiro, e na Rua Padre Cícero com Rua São Francisco. Outras duas estruturas de ferro — uma contando com três quiosques e outra com quatro — foram erguidas nos cruzamentos das ruas Padre Cícero com Rua do Cruzeiro, e São Pedro com São Francisco. Além disso, no local existem pontos de apoio para taxistas e para a Guarda Municipal, como é possível observar na fotografia 1.



Figura 3: planta do projeto da reforma da Praça Padre Cícero.

Fonte: <<http://www.juazeiro.ce.gov.br>> acesso em: 17 de agosto de 2012.



Fotografia 1: Base da Guarda Municipal na Praça Padre Cícero.
Fonte: MACIEL, Samara S. Janeiro de 2012.

Interessante observar o detalhe do teto dos quiosques, que lembra a figura do chapéu do Padre Cícero, bem como o telefone público em formato de chapéu e bengala como sinal de bênção do padre (fotografia 2).



Fotografia 2: Praça Padre Cícero. Fonte: MACIEL, Samara S. janeiro de 2012.

Os quiosques localizados na praça são uma das principais mudanças realizadas na última reforma e foram distribuídos entre os camelôs que trabalham na praça diariamente. Para compreender a respeito da forma de aquisição dos quiosques, temos a fala do entrevistado D:

Quem cadastrou foi o pessoal da prefeitura junto com a secretaria do meio ambiente. Por exemplo, a gente trabalhava no ponto na barraca lá, fizeram entrevista, fizeram cadastro com a gente, nós esperamos nove meses para poder adquirir os pontos, e estes foram escolhidos, quem queria ficar no mesmo local trabalhando na esquina ficava, mas quem queria mudar mudou. No meu caso, eu ficava lá em cima à noite, eu queria aqui que é durante o dia, trabalho aqui das sete ou nove da manhã até às nove da noite, mas o movimento é melhor durante dia que a noite.

Como pode ser percebido na fala do entrevistado, na praça existe uma maior movimentação de um lado em comparação ao outro no mesmo período do dia. Isto foi

percebido através de uma observação empírica no local e pode ser notado nas fotografias em anexo. Assim, os pontos da praça localizados ao lado da Rua Padre Cícero, por exemplo, têm menor movimentação no comércio durante o dia, como se pode ver na fotografia 3, enquanto a fotografia 4 mostra uma movimentação maior, do mesmo local, durante a noite.



Fotografia 3: quiosque de vendas na Praça Padre Cícero, no cruzamento das ruas São Francisco e Padre Cícero. Fonte:MACIEL, Samara S. Março de 2013.



Fotografia 4: quiosque de vendas na Praça Padre Cícero, no cruzamento da Rua Padre Cícero com Rua São Francisco. Fonte:MACIEL, Samara S. Março de 2013.

As atividades comerciais exercidas no local são as mais diversas, desde a venda de produtos de gênero alimentício, como lanches, sorvetes, guloseimas, água de coco, batata frita, entre outros (fotografias 3 e 4), até a venda de livros, jornais e revistas (fotografias 5 e 6).



Fotografia 5: Banca de jornal na Praça Padre Cícero. Cruzamento da Rua São Pedro com Rua São Francisco. Fonte: MACIEL, Samara S. Março de 2013.



Fotografia 6: quiosque do cruzamento da Rua São Pedro com Rua São Francisco. Fonte:MACIEL, Samara S. Janeiro de 2012.

A estrutura organizacional da Praça Padre Cícero apresenta peculiaridades que podem ser observadas nas características dos conceitos que serviram de base para a pesquisa. Assim sendo, o conceito que pretendemos discutir a seguir, inserindo-o na realidade da praça, é o de território.

O TERRITÓRIO E SUA CONCEITUAÇÃO NA REALIDADE DA PRAÇA PADRE CÍCERO

O conceito de território dentro da geografia tem tomado conotações das mais variadas, fato ocasionado pela diversidade de conhecimento e teorias que adentram a ciência geográfica, bem como pelo enfoque dado pelas ciências sociais ao território. Acreditamos que a compreensão de tal conceito é essencial para o entendimento do processo de organização espacial da Praça Padre Cícero.

Na tentativa de entender o conceito de território e suas implicações, resolvemos começar procurando a origem do termo, visando perceber as conotações que este ganhou ao longo do tempo. A esse respeito Haesbaert diz que (2007, p.43):

Etimologicamente a palavra território tem origem no latim, *territorium* e está ligada a Terra, sendo posteriormente relacionada a Terror, *territor*, há dúvidas a respeito da

veracidade desta origem, contudo este foi sempre os principais termos ao qual se relacionaram o território, ideia que se propagou por muito tempo, inclusive em ambiente acadêmico.

Como podemos perceber na definição referida, território está relacionado à porção de terra (materialidade) e controle do Estado (poder político). No entanto, a complexidade da questão abordada ultrapassa os limites da compreensão a partir de sua origem; entender território implica adentrar no universo teórico-prático que o envolve. No que tange à diversidade da abordagem conceitual do termo, as concepções de território variam de acordo com a ciência que o aborda. Assim, segundo Haesbaert (2007, p. 37):

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir das relações de poder[...]; a Economia, [...] percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (“enquanto força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, [...]; a Sociologia o enfoca a partir da sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo.

Vistas as variações de uso do conceito de território, de acordo com a ciência que o professa, podemos nos ater a alguns enfoques que lhe são inerentes. O território nasce das estratégias de controle da vida social, assim território tem haver com o controle de um determinado espaço e “suas compartimentações são instrumentos de ação do poder” (CATAIA, 2012)³. Deste modo, a maneira de compartimentar o território, ainda que essas partes mantenham relação entre si, constitui-se em uma estratégia de controle por parte dos atores sociais que impõem “formas particulares de uso do território” (*id ibid*). No que diz respeito ao poder, este que é um termo bastante difundido nas teorias sobre território, podem ser encontradas algumas menções. Para Cataia, “em seus estágios mais profundos, o poder iguala-se à força, no entanto poder e força distinguem-se de modo sutil, onde um reina de modo absoluto o outro está ausente, mas nas situações ‘reais’ os dois vivem de maneira híbrida”.

A sobreposição de força, dominação, autoridade e violência é bastante comum ao se referir ao poder enquanto estratégia de dominação. Entretanto, há uma linha tênue que divide e esclarece a diferença entre estas expressões de uso. Hannah Arendt (1985 *apud* SOUZA, 2005) defende que o poder é uma habilidade humana que se pratica em conjunto, estando diretamente ligada à força e união de um grupo, e que a desunião deste implicaria na perda do mesmo. Por outro lado ele não demanda violência, esta é, por sua vez, um instrumento, e implica justamente na perda dele, pois somente onde o mesmo perde a força, é necessário que a violência seja usada.

Deste modo, poder e violência se opõem, chegando a ser excludentes: onde um domina o outro está ausente. Entendendo aqui que, na proposição de Arendt, a violência é o uso da força, concorda-se com a autora quando se diz que esta se opõe à ação do poder, e que quando uso da mesma é necessário, isso implica na perda da soberania absoluta do outro, pois este tem uma atuação psíquica tão forte que dispensa o uso da violência.

³CATAIA, Márcio. **Uso do território, compartimentações e poder político**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/04.pdf>> Acesso em: 18 de julho de 2012.

A proposição ora apresentada intenciona analisar as relações sócio-espaciais que ocorrem na Praça Padre Cícero. Ao utilizar-se do conceito de território, deu-se ênfase às questões pertinentes ao poder. Visto que território está diretamente ligado à noção deste, e não somente a sua comumente citada forma política, apreende-se aqui a Praça Padre Cícero como território de reprodução do mesmo.

Nesse sentido, percebe-se claramente nas entrevistas realizadas como o exercício do poder ultrapassa barreiras de distância e de tempo. Vejamos o exemplo. O entrevistado E, ao ser indagado a respeito da posse do quiosque e a opção de trabalhar na praça, diz que: “eu vim trabalhar aqui porque eu tive a oportunidade de ocupar o local enquanto a dona viaja, porque hoje ela está morando no Pará, e eu tomo conta do quiosque, quando ela voltar, eu tenho que devolver”. Entende-se que a ação do poder psicológico e material em relação ao outro é tão sólida que ultrapassa a barreira da distância, pois mesmo estando quilômetros distantes, a titular que recebeu o quiosque cedido pela prefeitura é quem determina a pessoa que pode trabalhar nele.

Ao se adentrar no conceito de território, temos em Cataia⁴ que:

Ancorado nos princípios do direito internacional o território seria um compartimento do espaço jurídica e politicamente distinto daqueles que o cercam. Portanto, as fronteiras nacionais, que circunscrevem o Estado territorial, vão estabelecer regimes jurídico-políticos diferenciados de acordo com cada soberania territorial. [...] Portanto, o território seria uma forma circunscrita por fronteiras, um polígono, onde o poder do Estado seria exercido.

Como podemos perceber, as concepções jurídico-políticas do território priorizam a força do Estado-Nação como condição maior para a existência daquele. Dá-se, pois, demasiada importância à existência de fronteiras e aos limites do exercício do poder. Na verdade, dentro da ciência política, na maioria de suas correntes, o território é considerado como o espaço onde a soberania do Estado é projetada.

Dando andamento ao pleito, buscamos entender o conceito em sua forma mais ampla, que não seja reducionista. Para Haesbaert (2007), há pelo menos três vertentes em que se podem agrupar as concepções de território: política ou jurídico-política, cultural ou simbólico cultural e econômica.

Visto que estas formas de figurar o território não são mutuamente excludentes, busca-se situar a Praça Padre Cícero dentro destas concepções por entender que em um mesmo território suas várias percepções se expressam, haja vista que se encontra concomitantemente o poder político exercido através das ações administrativas; o território como fonte de recursos, quando se observam as atividades comerciais exercidas ali; e a apropriação simbólica, expressa pelas percepções e identidades territoriais por parte de quem sobrevive do trabalho na praça.

Um bom exemplo do território em sua forma política de exercício do poder é o caso do direito de ter ou não acesso a trabalhar nos quiosques. Existiram critérios que levaram à cessão destes locais aos camelôs, um fator decisivo foi o fato de este utilizar a praça durante todo o ano. No entanto, aqueles que não foram contemplados acabaram ficando descontentes, e mesmo entre os que foram, encontra-se uma divergência de opiniões a respeito desta divisão, bem como sobre a possibilidade de montar barracas na praça, sobretudo nos períodos

⁴CATAIA, Márcio. *Uso do território, compartimentações e poder político*. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/04.pdf>> Acesso em: 18 de julho de 2012.

de romaria⁵. Todavia, principalmente durante estes eventos, encontram-se várias barracas na Praça Padre Cícero (fotografia 7).

FOTOGRAFIA 7: BARRACAS DE COMIDA NA PRAÇA PADRE CÍCERO, NO PERÍODO DA ROMARIA DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS.



571

Fonte: maciel, samara s. Fevereiro de 2012.

A respeito de haver ou não barracas e ambulantes nos limites da Praça Padre Cícero, temos informações e opiniões divergentes, principalmente no que diz respeito aos ambulantes que ocupam a praça somente nos períodos de romaria. Pode-se perceber claramente isto nas falas dos entrevistados F e G, ao responderem sobre o que pensam a respeito da organização da praça e da existência dos quiosques. O entrevistado F argumenta o seguinte:

Se eu mesmo tivesse⁶ um pontinho desses, eu não daria por preço nenhum, porque em relação ao carrinho não tem nem comparação, é muito melhor. Mas eu acredito assim, para muitos que tiveram acesso ao quiosque foi bom, mas para quem não teve foi ruim, porque antes era livre, qualquer pessoa podia chegar, podia botar seu carrinho. Botava aqui, se aqui não estivesse dando certo, botava acolá, e hoje não pode mais. Hoje você não pode chegar com o carrinho e colocar em cima da praça.

Com uma opinião contrária ao mesmo assunto, o entrevistado G diz que:

A doação do quiosque ajudou porque o negócio de cada um ficou mais higiênico, você não precisa estar levando e trazendo peso todo dia da sua casa, aqui você trabalha, fecha, se sujou leva pra casa e no outro dia você só entra e trabalha. Agora, eu acho errado que em época de romaria as pessoas possam vir e colocar barracas aqui. Porque a gente passa o ano todo trabalhando aqui, e na época de romaria que o movimento é melhor, tem um monte de gente pra concorrer com a gente que tá aqui o ano todo.

Há ainda uma terceira visão por parte de quem não possui acesso aos quiosques. O entrevistado H, que ainda vende em carrinho de mão, afirma:

⁵Segundo o entrevistado F, por ordem da prefeitura, não poderia haver barracas armadas na praça, nem mesmo carrinhos de lanches ou similares. Os únicos que poderiam usar a praça para vender, além dos que ocupam os quiosques, seriam os vendedores de picolé. Nada foi encontrado a esse respeito no Código de Obras e Posturas ou na Lei de Uso e Ocupação do solo do município; o que leva a crer que esta é uma postura da administração vigente na época das entrevistas.

⁶ Obs.: ela não tem a posse do quiosque, apenas usa enquanto a dona está morando fora.

Eu achei muito boa a reforma da praça, ficou bonita, o piso ficou bom, mas eu queria conseguir um pontinho desses. Porque esse carro é muito pesado pra eu levar e trazer todo dia. Pelo menos agora a gente pode ficar em cima da praça, porque antes o prefeito não queria em cima da praça nenhum tipo de ambulante. Era pra ser tudo ao redor da praça. Só que agora na política eles não estão mexendo. Não sei depois, mas até agora a gente está em cima e não disseram mais nada.

Com essas informações vê-se claramente como o poder é exercido e configura o território na Praça Padre Cícero, influenciando diretamente quem depende dele para sua sobrevivência. O poder administrativo local tende a determinar esta organização, no entanto, nem sempre as regras são de fato seguidas. No momento da pesquisa não havia a permissão de colocar barracas ou carrinhos de mão no perímetro da praça, fora do período de romarias, no entanto, o fato é que estes camelôs estão neste território e dele se apropriam.

Outra característica comum à grande parte dos entrevistados é a identidade que os vincula àquele espaço e o modo como o território em questão é apreendido. É evidente que “território, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2007, p.20-21).

E é principalmente essa dimensão simbólica do território que percebemos nas entrevistas. Ela é construída a partir das identidades territoriais — e são os produtos da cultura, os espaços vividos, lugares de vivência e afetividade com os quais os grupos se identificam e materializam sua existência. Possui um referencial tão importante a ponto de exercer sobre eles uma força que transcende a existência material. Vê-se isso concretamente na fala do entrevistado F: “eu me sinto em casa, aliás, eu acho melhor aqui do que em casa. Eu gosto muito disso aqui”.

Nota-se também o sentimento de pertencimento, que torna o homem enraizado ao território da praça. Claval (1999) teoriza bem essa questão ao dizer que a dimensão simbólica do território acontece através da apropriação da terra e dos espaços vividos, a partir de uma identidade territorial e do sentimento de pertencimento que se cria junto ao lugar de existência dos povos.

Os símbolos criam os lugares de memória, onde a identidade coletiva e as atividades econômicas se desenvolvem. Entende-se que [...] “o território, enquanto relação de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2007, p.95-96, *grifo do autor*). E estas observações foram constantes durante toda a pesquisa de campo. Essa dimensão simbólica está muito bem retratada, por exemplo, na fala do entrevistado I, transcrita a seguir:

Aqui é o lugar que Deus nos quer trabalhando, Deus e o povo. Pelo menos para mim, aqui é uma beleza, porque além de eu estar acostumado, porque há mais de trinta anos trabalho aqui, eu moro perto, estou satisfeito. Eu considero tudo bom, porque daí é o seguinte, eu trabalho satisfeito, em um ponto social, todo mundo é amigo. Tudo muito bom. Ninguém tem raiva um do outro e todos trabalham satisfeitos.

Essa satisfação em estar na Praça Padre Cícero é justificada quando se compreende que é dela que se tira o sustento da família, nela se estabelecem relações sociais há muitos anos. Vejamos que, durante a entrevista, o mesmo entrevistado, discorrendo a respeito dos seus rendimentos, afirma que “aqui é nosso ‘ganha-pão’, porque tudo que Deus dá, rende. Dizem que pouco com Deus é muito, e é favorável, graças a Deus todo dia meus filhos almoçam e jantam. E Deus nos dá o trabalho contínuo”. Essa relação de dependência com o

território é de fato tão marcante que ultrapassa o sentido material e chega ao sentido espiritual, quando o entrevistado em questão, na fala anterior, mostra que acredita ser a praça o lugar onde o próprio Deus deseja que ele esteja trabalhando.

A dimensão simbólica do território está presente na pesquisa através da imagem constituída da área estudada, por meio de uma visão empírica confrontada com a base teórica. Em todas as formas de entender o território, discutidas até aqui, podemos encontrar foco para um estudo a respeito da área que compartilhe de uma das visões sobre território, pois todas, de alguma forma, contemplam ou são contempladas em uma investigação geográfica a respeito da Praça Padre Cícero enquanto campo de observação científica.

Durante a observação de campo foi possível contemplar a maneira como outros grupos sociais se apoderam do perímetro da praça e influenciam na sua configuração. Vale salientar que apesar de estes grupos não serem o foco da pesquisa, considera-se aqui interessante relatar o olhar empírico a respeito de como eles exercem influência sobre a área de estudo.

O pluralismo de expressões culturais na Praça Padre Cícero é extraordinário. Como exemplo tem-se as apresentações dos músicos peruanos, as manifestações de grupos religiosos, sobretudo cristãos, os grupos sociais que se reúnem no local, sejam estes compostos por jovens, roqueiros, idosos, homossexuais, casais de namorados, entre outros. Cada um se relaciona com o local de forma peculiar e imprime nele suas características, chegando a manter uma relação de afetividade com a praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da investigação realizada, entende-se a Praça Padre Cícero como um território rico de possibilidades investigativas, seja quais forem os conceitos geográficos aos quais se queira relacioná-la. De modo particular, entende-se que a área de estudo, além de representar uma centralidade dentro da urbanidade de Juazeiro do Norte, é também um território articulado, que tanto exerce como sofre influência em relação aos fatores externos a ele. Os agentes que modelam este território vão desde a representação da administração local até aqueles que estão ligados a ele por relação de identidade territorial, mediados por uma necessidade financeira, que não se encerra em si mesma, transcendendo os limites da materialidade, chegando à apropriação simbólica, imaterial.

As mudanças estruturais que ocorreram na praça provocaram um aumento do sentimento de pertencimento aos trabalhadores locais, pois a chegada dos boxes fixos tornou possível um maior conforto e estabilidade, ou seja, o uso legitimado e reconhecido pelo poder público local favoreceu a apropriação pelos camelôs. Mesmo assim, considera que os investimentos públicos estão aquém de responder com satisfatória retribuição o que este espaço merece, pois a Praça Padre Cícero é a mais significativa e importante do referido município.

A pesquisa de campo foi essencial para a compreensão do universo que envolve a praça: as entrevistas foram imensamente enriquecedoras para o esclarecimento do objeto de estudo. No entanto, realizar estas entrevistas não foi uma tarefa fácil. A principal dificuldade encontrada diz respeito à decorrência do período de eleições, pois alguns dos entrevistados recusaram-se a gravar a entrevista, ou parte dela, por medo de se comprometer de alguma forma com os dirigentes e candidatos, o que se atribui ao fato de pensarem que os pesquisadores poderiam estar vinculados à administração ou a candidatos — destaca-se aqui que nenhuma das pessoas abordadas recusou-se a dar a entrevista, mas a gravá-la por completo ou parte dela. Durante a realização das entrevistas, encontrou-se uma enorme diversidade de opiniões e visões a respeito da Praça Padre Cícero. Algumas delas remetem a conceitos estudados pela ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

- CATAIA, Márcio. **Uso do território, compartimentações e poder político**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/04.pdf>> Acesso em: 18 de julho de 2012.
- CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade**. GEOgraphia – Ano 1 – No 2 – 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/16/14>> Acesso em: 17 de julho de 2012.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate**. GEOgraphia, Vol. 9, No 17 (2007). Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/213>> Acesso em: 18 de julho de 2012.
- _____. **O mito da des-territorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **Território, Cultura e Desterritorialização**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Religião Identidade e Território*. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 115-144.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de. GOMES, P. C. da C. CORRÊA. (Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.